

ainda ir mais longe, no sentido de estabelecer uma maior relação com a cristologia contemporânea enquanto movimento de regresso às fontes neotestamentárias e patrísticas e como interpretação dos “sinais dos tempos”. Não obstante, com as palavras da Escritura, e a fazer jus à intenção do nosso autor, diremos que «deste modo cumpria-se o que fora anunciado pelo profeta: Abrirei a minha boca em parábolas e proclamarei coisas ocultas desde a criação do mundo» (Mt 13,35).

JOÃO PAULO BRITO DA COSTA

Orozco Ruano, Raúl, *Jesuscristo, Dios con nosotros. Cómo puede ser un hombre el Hijo de Dios?*, III, (Salamanca: Cerf, 2016), ISBN 978-84-96488-76-2, 2016, 634 pp.

Estamos perante um trabalho que corresponde à tese de doutoramento elaborada pelo autor, na universidade de Bona, sob orientação de Karl-Heinz Menke, que escreve o prefácio. Trata-se, em rigor, de uma teologia da encarnação, centrada na dimensão cristológica, embora com repercussões na teologia trinitária, como é óbvio. No essencial, a obra retoma a questão da *enhipostasía*, como tentativa de resposta ao problema complexo da união das duas naturezas, humana e divina, na única pessoa de Jesus Cristo.

Uma primeira parte do trabalho recu-pera, de forma bem organizada e completa, os dados históricos da questão, sobretudo no seu desenvolvimento patrístico. Partindo do contributo de João de Cesareia, estuda os pensamentos de Leôncio de Bizâncio e de Leôncio de Jerusalém, para desenvolver mais detalhadamente o contributo do mais conhecido Máximo Confessor.

Uma segunda parte é dedicada a desenvolvimentos dogmáticos posteriores, iniciando com a apresentação da conhecida “solução” de Tomás d Aquino, centrado na distinção da tríplice ciência de Cristo. Mas o cerne do capítulo dedica-se à posição de três conhecidos teólogos do séc. XX: Riedlinger, Rahner e von Balthasar. O primeiro concentra-se no conceito de historicidade, que o segundo desenvolve e integra no conceito de auto-consciência e o último transfere para um horizonte trinitário, superando assim a posição algo estreita de Tomás, sobretudo se considerada num contexto moderno, atento à dimensão da subjetividade histórica.

Estas duas primeiras partes não apresentam nada de propriamente novo, mas elaboram uma excelente síntese reflexiva da questão, que prepara a terceira parte. Esta concentra-se no estudo de um teólogo alemão contemporâneo, Georg Essen, professor de dogmática na Universidade de Bochum e discípulo de Thomas Pröpper (já agora, penso que seria bom, pelo menos na primeira referência, colocar o nome completo do autor estudado). Como seria de esperar, a chave de leitura é o conceito de liberdade, conceito central em toda a teologia desenvolvida pela escola de Pröpper. É na identidade entre a liberdade de Jesus (Homem) e a liberdade do Filho (Deus), que se fundamenta a identidade da pessoa de Jesus Cristo, na diferença das naturezas divina e humana.

Na avaliação crítica do pensamento de Essen, o autor coloca bem as questões, sobretudo aquela que identifica na identidade das liberdades um problema clássico de monofisismo, que acaba por não distinguir suficientemente a natureza divina da humana, reduzindo, neste caso, a primeira à segunda. A questão é pertinente, embora o autor não a avalie do mesmo modo. Para ele, a questão central reside na não valorização da realização da liberdade humana na pró-

pria estrutura da natureza humana, de modo inevitavelmente corpóreo. E é verdade que o método transcendental de Essen pode falhar nesse aspecto e não levar suficientemente em conta a qualificação histórico-corpórea da natureza humana. Esta permitiria precisamente uma mais clara distinção entre natureza divina – como origem e fundamento – e natureza humana – como originada na dádiva. O desafio conduziria a uma compreensão analógica das liberdades, que supera compreensões unívocas ou equívocas. Parece-me que a questão está bem colocada, em relação ao pensamento de Essen.

A questão que fica, em relação à leitura do autor, é se uma proposta de compreensão baseada na relação – como comunhão interpessoal – de liberdades (humana e divina) não cai na tentação de uma interpretação unívoca dessas liberdades, o que não evita um dualismo fundamental entre humanidade e divindade. A articulação trinitária entre identidade e diferença pode, de facto, servir de modelo. Mas há que ir mais fundo e pensar que consequências possui esse modelo para a compreensão da relação entre Deus e os humanos, a qual permita que um humano – e nele todos os humanos – seja real presença de Deus, sem deixar de ser humano. Há toda uma teologia da mediação analógica – por correspondência – à espera de ser desenvolvida. Este trabalho é um grande contributo nesse caminho, pois ajuda a colocar muito bem as questões envolvidas.

JOÃO MANUEL CORREIA RODRIGUES DUQUE

ESPIRITUALIDADE

Aa. Vv., Pequenos passos possíveis. Chiara Corbella Petrillo: as palavras às testemunhas, (Braga: Apostolado da Oração, 2015), 220x150, ISBN 9789723908060, 112 pp.

É sugestivo o título deste livro (*Pequenos passos possíveis*) e enorme a figura nele evocada: Chiara Corbella Petrillo, uma jovem italiana falecida a 13 de Junho de 2012, com apenas vinte e oito anos de idade. Trata-se de alguém que não nos é muito familiar, mas cuja história de vida e de amor vale a pena conhecer. E é esse o objectivo deste livro, em registo plural, dando voz às testemunhas (*a palavra às testemunhas*).

De facto, o livro apresenta um conjunto de interessantes e eloquentes testemunhos (do marido, dos pais, do padre espiritual e de tantos e tantos amigos) sobre esta mulher simples, mas com uma grande capacidade de sofrer e de amar. A vida reservou-lhe momentos muito duros: a malformação e morte prematura dos seus dois primeiros filhos (de registar a decisão de levar a gravidez até ao fim, com enorme alegria!) e, por último, a sua própria doença e sofrimento. Partiu muito cedo, mas o seu exemplo de vida deixou marcas que perdurarão, como o testemunham o Enrico, seu marido, e o Francesco, seu filho, assim como os muitos amigos que, neste livro, escrevem.

O Papa Bento XVI disse, a determinada altura” que “a casa que Deus gosta de construir é a vida dos Santos”. Palavras sábias que aparecem ilustradas e reforçadas por este livro que agora apresentamos. A sua leitura pode gerar alguma comoção interior, mas seguramente reverterá também num enorme proveito espiritual. Assim nos apercebemos melhor de que os santos são “amigos de Deus e dos homens padroeiros”.

JOÃO ALBERTO SOUSA CORREIA